

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

*Crónicas de
um Acervo*

Museu de Santa Maria de Lamas

Ficha Técnica

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

José Carlos de Castro Amorim

© Maio de 2016 - Autor e Museu de Santa Maria de Lamas.

Autoria: José Carlos de Castro Amorim.

Projeto Gráfico: José Carlos de Castro Amorim.

Fotografia: José Carlos de Castro Amorim, Susana Patrícia Gomes Ferreira e Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

Capa e contracapa: Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902—1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: *“Cabine Eléctrica” – excerto da fachada principal do Museu de Santa Maria de Lamas, na sua possível composição primitiva (pormenor)* - Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.

Data: 18 de maio de 2016.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Resumo

Reconhecida nacional e internacionalmente como uma das melhores unidades de produção de cerâmica, faiança e azulejaria artística portuguesa, a antiga e histórica *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (1841 - 1977), de Vila Nova de Gaia, está bem presente no património e na obra filantrópica que o Fundador do Museu, Henrique Alves Amorim (1902 - 1977), legou à sua “amada” Freguesia de residência e de trabalho.

Todavia, apesar da sua existência em vários pontos / edifícios lamacenses, o espaço onde a azulejaria artística do “*Carvalhinho*” atinge maior expressão e presença, é, sem dúvida, no Museu de Santa Maria de Lamas. Tanto na sua fachada (de acesso livre), e alçado lateral exterior (de acesso condicionado), como no próprio interior deste complexo museológico - sobretudo na sua segunda sala, a “Sala da Capela” -, são visíveis painéis azulejares / “mosaicos artísticos” de tonalidades azuláceas ou policromados (de várias cores).

Realizados por autores de reconhecida categoria neste “ofício”, como José Oliveira, João Duarte, Francisco Gonçalves ou Duarte Meneses, estes registos novecentistas (séc. XX), distinguem-se pelo seu traçado, preenchimento, composição, técnica aplicada e qualidade de acabamento. Características que evidenciaram o universo produtivo da Fábrica gaiense de “*Cerâmica do Carvalhinho*” na azulejaria contemporânea portuguesa, não só no século XIX mas também na centúria de XX - até à sua queda definitiva em 1977.

Palavras-chave

Azulejaria contemporânea (séc. XX); *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (1841-1977); Henrique Alves Amorim (1902-1977); Museu de Santa Maria de Lamas; Filantropia; Iconografia Religiosa.

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Abreviaturas e Siglas

A. - António

A. N. - António Nunes

(Aa. Vv.) - Autores variados

C.^a. - Companhia

Ca.– Cerca de

Cf. - Confira

EUA - Estados Unidos da América

Ext. - Extraído(a) de

h - hora(s)

H. A. - Henrique Amorim

Lda. - Limitada

m - minutos

M.^a - Maria

MSML - Museu de Santa Maria de Lamas

N.º - Número

p. - página

pp. - páginas

Séc. - Século

Sécs. - Séculos

St.^a - Santa

(s/p) - Sem numeração de página

Vd. - *Vide*, veja

Vol. - Volume

1.º - Primeiro

2.^a - Segunda

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Índice geral

Resumo e Palavras-chave 5

Abreviaturas e Siglas 6

Preâmbulo

O gosto de Henrique Alves Amorim (1902-1977) pela azulejaria contemporânea, sobretudo produzida na *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (1841 - 1977), em Vila Nova de Gaia 8

Capítulo I

A Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho. “Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977) 10

Notas e citações 16

Fontes e Bibliografia 17

Recursos eletrónicos 17

Capítulo II

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem. *Frontaria do Museu de Santa Maria de Lamas: Arcada (Fragmentos da obra filantrópica de Henrique Alves Amorim) 18*

Capítulo III

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem. *Alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas: Passadiço exterior (Iconografia Religiosa) 24*

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem



Fachada principal do Museu de Santa Maria de Lamas (com painéis azulejares / “mosaicos artísticos” azuláceos, de 1957 e 1958, incrustados na primeira arcada lateral desta frontaria; votivos à obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), e produzidos na *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*)

Estrutura arquitetónica e envolvência exterior cuja estética final remonta às décadas de 50 e 60 do séc. XX. Com possível conclusão e inauguração final datável de 1968.

Preâmbulo

O gosto de Henrique Alves Amorim (1902-1977) pela azulejaria contemporânea, sobretudo produzida na *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (1841 - 1977), em Vila Nova de Gaia

“(…) Também na produção de Azulejos decorativos o Carvalhinho atingia a excelência (...) Entre 1930 e 1960 foram adquiridas na Fábrica, vastas superfícies de Azulejos Carvalhinho que cobriam pavimentos e paredes de edifícios públicos e privados. Nesta área o Carvalhinho contou com artistas talentosos: Paulino Gonçalves pintou e espalhou painéis de Azulejo em todo o norte do país; Francisco Macedo pintou os painéis da Câmara de Espinho, do Colégio Nossa Senhora da Bonança, da Igreja de Vilar do Paraíso e da Capela de São João Baptista de Vilar do Paraíso; Fernando Gonçalves destacou-se pelos painéis do escadório do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego; outros nomes se destacaram nesta actividade azulejadora (...)”

Hugo Silveira Pereira¹

Reconhecida nacional e internacionalmente como uma das melhores unidades de produção de cerâmica, faiança e azulejaria artística portuguesa, a antiga e histórica *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (1841 - 1977), de Vila Nova de Gaia, está bem presente no património e na obra filantrópica que o Fundador do Museu², Henrique Alves Amorim (1902 - 1977)³, legou à sua “amada” Freguesia de residência e de trabalho.

Todavia, apesar da sua existência em vários pontos / edifícios lamacenses, o espaço onde a azulejaria artística do “*Carvalhinho*” atinge maior expressão e presença, é, sem dúvida, no Museu de Santa Maria de Lamas. Tanto na sua fachada (de acesso livre), e alçado lateral exterior (de acesso condicionado), como no próprio interior deste complexo museológico - sobretudo na sua segunda sala, a “Sala da Capela” -, são visíveis painéis azulejares / “mosaicos artísticos” de tonalidades azuláceas ou polícromados (de várias cores).

Realizados por autores de reconhecida categoria neste “ofício”, como José Oliveira, João Duarte, Francisco Gonçalves ou Duarte Meneses, estes registos novecentistas (séc. XX), distinguem-se pelo seu traçado, preenchimento, composição, técnica aplicada e qualidade de acabamento. Características que evidenciaram o universo produtivo da Fábrica gaiense de “*Cerâmica do Carvalhinho*” na azulejaria contemporânea portuguesa, não só no século XIX mas também na centúria de XX - até à sua queda definitiva em 1977.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Talvez devido à sua ligação profissional e até familiar a Vila Nova de Gaia (onde, junto ao Cais, na “Rua dos Marinheiros”, o seu pai, António Alves de Amorim (1832-1922), dinamizou durante décadas e até perda litigiosa em 1908, uma pequena “Oficina de produção de Rolhas” para barris de Vinho do Porto⁴), Henrique Amorim optou por confiar maioritariamente no labor artístico da Fábrica gaiense⁵ da “*Cerâmica do Carvalhinho*”, para complementar a estética da frontaria principal e passadiço lateral do Edifício que “concebera” de raiz para instalar o “seu” Museu. Cujas construção se iniciou nos primórdios da década de 50 do século XX; a sua primeira fase de edificação foi terminada em 1959 e a segunda etapa complementar finalizada em 1968.

Neste espaço, caracterizado pelo conservadorismo da sua estética e fachada exterior, regrada pela trilogia de valores nacionalistas do Estado Novo (1926-1974): “*Deus, Pátria e Família*”; a arquitetura, a escultura, mas sobretudo a azulejaria, sintetizam e perpetuam pictoricamente os ideais, os gostos, a religiosidade, o pensamento e a obra benemérita do Fundador do MSML. Aliás, segundo memória e relato oral⁶ de um antigo trabalhador da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* (contemporâneo de Henrique Amorim), a relação mecénática deste Homem com a Fábrica gaiense, seus administradores, artistas, artífices e trabalhadores era bastante profunda. Sendo recorrentes as suas visitas à unidade ceramista para realizar encomendas, adquirir azulejo e cerâmica artística, observar *in loco* o avanço dos seus pedidos, conversar com os seus administradores, circular livremente pela Fábrica e inclusive, contemplar os “artistas” no seu ofício diário.

Do ponto de vista temático e iconográfico, a azulejaria incrustada no Edifício do MSML (frontaria e passadiço lateral), produzida por artistas sobre a égide patronal da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*, divide-se em duas áreas distintas:

1. Na fachada principal do Museu, numa das duas arcadas que a caracterizam (junto à atual entrada / área de receção de visitantes), os episódios / construções / objetos reproduzidos são meramente de índole civil. Abordando visualmente e em variações azuláceas - à semelhança daquilo que se sucede nos “frisos azulejares” que envolvem o perímetro interior da “Sala da Capela” do MSML - o cariz filantrópico de Henrique Amorim. Ou seja, parte do Património material e melhoramentos providenciados e financiados por este Homem, em benefício das “suas gentes”.
2. No alçado lateral e passadiço primordial de acesso à área técnica deste complexo museológico, contrapondo plástica e iconograficamente a azulejaria da sua fachada, grande parte dos painéis / “mosaicos artísticos” visíveis, são policromos ou possuem “cercaduras / molduras gráficas” policromadas. E os seus temas, de índole cristã (Iconografia de Santos; Iconografia Mariana e Iconografia Cristológica), realçam o perfil de “devoto fervoroso” que H.A. evidenciava.

Atendendo ao tipo de património identificado, com este “Roteiro fotográfico”, o leitor é convidado a conhecer uma outra faceta / “mensagem visual” do Edifício do MSML. Bem como, mais um dos segmentos do gosto colecionista do seu Fundador. Apesar de nem todos os painéis azulejares / “mosaicos artísticos” se encontrarem acessíveis ao “público geral”, este estudo visa realçar estes objetos artísticos e a “aura histórica” que todos eles encerram. Deste modo, a partir da azulejaria encomendada e

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

adquirida por Henrique Amorim, em primeiro lugar, o “leitor” é direcionado para a perceção de algumas das “memórias” e datas cruciais que permitem perceber o legado histórico da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*. Nomeadamente a sua “ascensão, hegemonia e queda”, desde 1841 a 1977.

Por último, através de um levantamento que privilegia a fotografia e a “mensagem visual da arte”, realça todos os painéis / “mosaicos artísticos” da “*Cerâmica do Carvalhinho*” que “deambulam” pela arquitetura exterior do Museu - em alçados abertos ou de acesso condicionado. Identificando e legendando os seus temas e iconografias; as técnicas aplicadas; a autoria; a cronologia e as marcas de produção e localização (referentes à *Fábrica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia).

Capítulo I

A *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

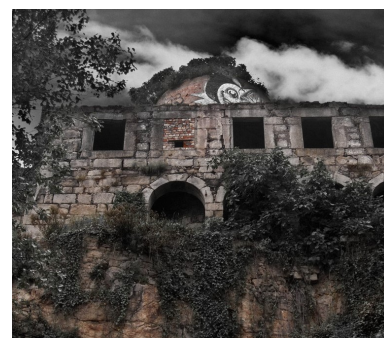
13 de novembro de 1841

Fundação, por parte de *Thomaz Nunes da Cunha* e *António Monteiro Cantarino* (antigo Mestre da *Fábrica de Santo António do Vale da Piedade* ou, segundo Fausto Sanches Martins, “de uma olaria situada na Rua da Rasa”⁷), da “unidade primitiva” da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*. Situada na cidade do Porto, na “*Capela do Senhor do Carvalhinho*” - integrante da antiga “*Quinta das Fragas*” (geograficamente posicionada entre a “*Calçada da Corticeira*” e o “*Passeio das Fontainhas*”) - este “complexo”, com forno e oficinas instaladas em barracões, iniciou a sua atividade com produção reduzida mas promissora, sob o desígnio nominal de “*Thomaz Nunes da Cunha e C.^ª*”.



Possíveis ruínas da antiga “*Capela do Senhor do Carvalhinho*” e da “firma” ceramista “*Thomaz Nunes da Cunha e C.^ª*” (“unidade primitiva” da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*)

Registo fotográfico contemporâneo de autoria desconhecida, datado de 19 de maio de 2011 - Ext.: <http://ruinarte.blogspot.pt/2011/05/bairro-da-fontainhas-fabrica-e-capela.html> - 04/04/2016, 14 h 55 m.



Possíveis ruínas da “firma” ceramista “*Thomaz Nunes da Cunha e C.^ª*” (“unidade primitiva” da *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*)

Registo fotográfico contemporâneo de autoria desconhecida, datado de 19 de maio de 2011 - Ext.: <http://ruinarte.blogspot.pt/2011/05/bairro-da-fontainhas-fabrica-e-capela.html> - 04/04/2016, 14 h 56 m.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Capítulo I

A Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

1848

Empregando nos seus quadros vinte operários e dezasseis menores, a “unidade primitiva” do *Carvalhinho* integra o conjunto dos fabricantes associados ao “Depósito de venda de Louças da Rua da Esperança”, no Porto. Um espaço fundado entre 1845 e 1848, liderado pelo filho de *Francisco da Rocha Soares* (1799 - 1829) - também ele *Francisco da Rocha Soares* (1806 - 1857), de seu nome - e que, a par da “*Cerâmica do Carvalhinho*”, contava com a produção das fábricas ceramistas da *Fervença*, da *Fontinha*, do *Monte Cavaco* e *Vale Piedade*⁸.

1853

Com o intuito de alargar, modernizar a “unidade” e expandir a posição no mercado da sua produção ceramista, *Thomaz Nunes da Cunha* e *António Monteiro Cantarino* oficializam a aquisição total da “*Quinta do Carvalhinho*”.

Segundo Hugo Silveira Pereira⁹, no decurso das intervenções formuladas na Fábrica, a sua administração requereu à Câmara Municipal do Porto a autorização para transformar os seus “primitivos” barrações de madeira em estruturas de construção sólida.

Início da década de 60 do séc. XIX

Segundo o conteúdo das folhas 489 e 490, do vigésimo quinto “Livro de Plantas e Casas” do Arquivo Histórico Municipal do Porto, no início dos anos sessenta da centúria de oitocentos, sobretudo sob fomento de *Thomaz Nunes da Cunha*, registaram-se novas intervenções na Fábrica ceramista do *Carvalhinho*¹⁰.

Ca. 1868 / 1869

Entre 1868 e 1869, dissolve-se a sociedade de *Thomaz Nunes da Cunha* e *António Monteiro Cantarino*¹¹. Deste modo, *Thomaz Nunes da Cunha* assume a propriedade da empresa, transformando-a nominalmente na “firma comercial” “*Thomaz Nunes da Cunha*”. Contudo, em termos práticos, esta “unidade” celebrizava-se no mercado como a “*Fábrica de Louça e Azulejo do Carvalhinho*”.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Capítulo I

A *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

25 de agosto de 1870

Através de uma “factura-recibo” de 25 de agosto de 1870, jurídica e tributariamente identificativa da administração singular de *Thomaz Nunes da Cunha*, percebe-se parte da tipologia e fluxo produtivo do *Carvalhinho*. Assim sendo, o teor impresso e redigido nesse documento administrativo histórico, sugere que a unidade ceramista portuense produzia, entre outros elementos: Azulejos, Telhas, Louça, Vasos, Figuras e Pinhas para adorno de jardim.

1878 e 1882

Neste ano, tendo por base os estudos de Hugo Silveira Pereira, *Thomaz Nunes da Cunha* entregou a *João Camilo Castro Júnior*, seu genro, a gestão dos destinos da Fábrica.

É já sobre a chancela administrativa deste Homem, que em 1882, a “*Cerâmica do Carvalhinho*” integra a “Exposição de Cerâmica da Sociedade de Instrução do Porto”: “(...) *obtendo diploma de mérito em faiança de 2ª classe e na secção de azulejos* (...)”¹²

Ca. 1891 / 1894

Cerca de uma década depois de assumir os destinos desta unidade ceramista, *João Camilo Castro Júnior* recebe como sócio *António Nunes Dias de Freitas*, passando a “firma” titular do *Carvalhinho* a denominar-se “*Castro Júnior e Dias de Freitas*”¹³.

1899

Com a proximidade de uma nova centúria, é neste período que a Fábrica usufrui de um renovado e grandioso processo de melhoria. Apesar do término da sociedade “*Castro Júnior e Dias de Freitas*”, *António Nunes Dias de Freitas* assumiu a tutela da “*Cerâmica*” - cobrindo inclusive algum do seu passivo. Sob posse de uma nova firma, a “*A. N. Dias de Freitas & Filhos*”, a *Fábrica do Carvalhinho* assume de vez um papel exponencial no universo ceramista português: “(...) *Os empresários ampliam as instalações da fábrica, munem-na de operários de competência especializada e notável qualidade e colocam à sua disposição tecnologia apurada; em consequência, a produção cresce em quantidade e qualidade* (...)”¹⁴.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Capítulo I

A Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

1923

Após “nascer” na cidade do Porto, neste ano e ainda sob “domínio” dos *Dias de Freitas* - agora por *António Augusto Pinto Dias de Freitas* - para responder aos desejos de nova modernização, crescimento e construção de uma “Fábrica moderna de Cerâmica”, nos terrenos da “*Quinta do Arco do Prado*” e tirando partido da tradição ceramista de Vila Nova de Gaia, edificou-se um novo complexo fabril do *Carvalhinho*. Passando do Porto para Vila Nova de Gaia, com construção iniciada em 1922 e inspirada em modelos ingleses e alemães, esta nova unidade laboral seria, à época, uma das fábricas mais avançadas do seu género: “(...) A nova empresa *A. Pinto Dias de Freitas, Lda.* dotaria a fábrica de Gaia das mais modernas instalações e tecnologia da época, deixando os artigos de cerâmica de decoração e de construção de ser produzidos segundo métodos tradicionais para passarem a ser fabricados com técnicas e maquinismos mais especializados e modernos, que resultavam numa obra mais perfeita e mais de acordo com a imaginação de uma “segunda geração de cerâmicos” e também de muitos operários que, com o *Carvalhinho*, cruzaram o Douro (...)”¹⁵.



O complexo fabril da “*Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho de Vila Nova de Gaia*” (vista aérea)

Registo fotográfico de autoria desconhecida, ca. 1923 / posterior a 1923 - Ext.: <http://paginas.fe.up.pt/porto-ol/mlr/mlr.jpg> - 04/04/2016, 15 h 05 m.



Fachada principal da “*Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho de Vila Nova de Gaia*”

Registo fotográfico de autoria desconhecida, posterior a 1923 - Ext.: <http://paginas.fe.up.pt/porto-ol/mlr/carvalhinho3.html> - 04/04/2016, 15 h 06 m.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Capítulo I

A Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

1923 a 1930

No decurso da construção do novo complexo fabril de Vila Nova de Gaia, a *Fábrica do Carvalhinho* viveu de 1923 a 1930, um período de aumento quantitativo e qualitativo da sua produção; de onde se destaca também a sua forte aposta no Azulejo, na vertente meramente decorativa ou artística: “(...) Também na produção de azulejos decorativos o Carvalhinho atingia a excelência. Na fábrica de Gaia, a tradição na produção de mosaicos foi continuada e aperfeiçoada com novos padrões e motivos, atingindo uma fama nunca antes conhecida. Entre 1930 e 1960, foram adquiridas na fábrica vastas superfícies de azulejos Carvalhinho que cobriam pavimentos e paredes de edifícios públicos e privados. Nesta área o Carvalhinho contou com artistas talentosos: Paulino Gonçalves pintou e espalhou painéis de azulejo em todo o Norte do país; Francisco Macedo pintou os painéis da Câmara de Espinho, do Colégio de Nossa Senhora da Bonança, da Igreja de Vilar do Paraíso e da capela de S. João Baptista de Vilar do Paraíso; Fernando Gonçalves destacou-se pelos painéis do escadório do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego; outros nomes se destacaram nesta actividade azulejadora reservada aos homens (...) a Fábrica do Carvalhinho também se notabilizou na produção de réplicas de azulejos seiscentistas e setecentistas, para o que dispunha de excelentes oficinas e exímios artistas, que percorriam o país, recolhendo os padrões desses azulejos em vários solares, palácios e conventos de Portugal (...) o Carvalhinho seguiu a senda deixada em aberto pela Fábrica Cerâmica das Devesas, fazendo de Vila Nova de Gaia o centro nacional de produção de azulejos e de louça decorativa. Contudo, enquanto a Fábrica das Devesas decaía sem poder administrativo após o abandono de Teixeira Lopes (Pai) da gerência, a Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho modernizava-se e tomava, sozinha, a “vanguarda das empresas nacionais”. Tornava-se um centro de imensa produção cerâmica e de manifestação artística e um perfeito laboratório industrial, cuja qualidade e renome se espalharam pelo país (aproveitou ao máximo a proximidade da via-férrea) e estrangeiro (exportações em crescendo para Inglaterra e EUA e presença em exposições internacionais na Europa e América) (...)”¹⁶.

Apesar da prosperidade descrita, atendendo ao forte investimento realizado na construção e dinâmica da Fábrica gaiense, o ano de 1930 ficou marcado por debilidades e dificuldades financeiras, exigindo uma solidificação e reforço financeiros da sua tesouraria. Como solução, a *Fábrica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia foi administrativamente associada à *Real Fábrica de Louça de Sacavém*, outra das mais respeitadas e prestigiadas “Cerâmicas” portuguesas - associando-se Herbert Edward Over Gilbert a António Augusto Pinto Dias de Freitas (ficando Fiel Viterbo, indivíduo próximo do “clã” Dias de Freitas, como intermediário entre as duas “Cerâmicas”)¹⁷.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Capítulo I

A *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho*

“Ascensão, hegemonia e queda”: Do Porto a Vila Nova de Gaia - Momentos chave (1841 - 1977)

1930 a 1953

No seguimento da junção administrativa do *Carvalhinho* à *Real Fábrica de Louça de Sacavém*, o complexo gaiense usufruiu de nova melhoria estrutural e técnica. Até 1953, *Herbert Edward Over Gilbert* e *António Augusto Pinto Dias de Freitas* preservaram a sua sociedade, e a *Fábrica do Carvalhinho* viveu, segundo opinião generalizada, “a sua idade de ouro”¹⁸. Pelo meio, em 1941, a “marca” ceramista *Carvalhinho*, comemorou o seu primeiro e único centenário de existência e labor ininterrupto.

1958 a 1977

Em 1958, com a morte de *António Augusto Pinto Dias de Freitas*, segundo fundador do *Carvalhinho* - o responsável pela sua passagem do Porto para Vila Nova de Gaia - inicia-se o “epílogo” que culminou com a queda definitiva desta Fábrica. Gerando inclusive, conflitos internos cujas repercussões se estenderam à área financeira.

Depois de décadas de retoma, de alguma expansão e ressurgimento, uma grave crise voltou a enfraquecer a “*Cerâmica do Carvalhinho*”, levando-a quase à extinção. E, em maio de 1974, a *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* foi vendida em hasta pública a *Serafim de Andrade*. Apesar das vicissitudes do mercado e da fraca “saúde” financeira da empresa, esta nova gestão tentou, ingloriamente, voltar a elevar o “*Carvalhinho*” ao seu histórico estatuto de “potência ceramista”. Com o fracasso desta operação, após uma centena de anos e mais de três dezenas de décadas de existência (137 anos), e atividade constante, a *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* fechou definitivamente as portas em 1977 (curiosamente, no mesmo ano de falecimento do Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas e afinado cliente da “*Cerâmica gaiense*”, Henrique Alves Amorim): “(...) No virar da metade do século, as instalações do *Carvalhinho* eram únicas em Portugal, quer em grandeza, projecção industrial, mestria e modernidade da produção, quer em volume de vendas para Portugal e para o estrangeiro. Contudo, a segunda metade de Novecentos não foi tão aprazível para a *Fábrica do Carvalhinho*. A empresa debater-se-ia com conflitos internos após a morte do seu segundo fundador nos inícios de 1958 e não mais veria gestores da cepa de *António Augusto Pinto Dias de Freitas*, entrando em decadência a partir de meados da década de 60 e sofrendo uma morte lenta desde o 25 de Abril até ao final do século XX (...) Os capítulos finais do *Carvalhinho*, enquanto fábrica de cerâmica, escrevem-se em Maio de 74 – a fábrica, já numa fase de decadência irreversível, é adquirida em hasta pública por *Serafim de Andrade*. A nova gerência tentou o impossível: fazer ressurgir o *Carvalhinho*, mas as intransponíveis condições do mercado interno – que os novos proprietários provavelmente desconheciam – impediram qualquer tipo de ressurreição da fábrica. Três anos volvidos, em 1977, a *Fábrica Cerâmica do Carvalhinho* encerrava as suas portas, 137 anos após a sua abertura. As suas instalações mantinham-se de pé, mas desprovidas do seu funcionalismo industrial (...)”¹⁹.

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Notas e citações

¹ Cf. PEREIRA, Hugo, 2009: pp. 14 e 15.

² Acerca do Museu de Santa Maria de Lamas: “(...) *Apelidado de “Museu da Cortiça” por parte do seu próprio público, o atual Museu de Santa Maria de Lamas (MSML) - situado a sul do Parque existente nessa localidade, integrada no Concelho de Santa Maria da Feira - foi fundado no decurso da década de 50 do século XX. Sendo doado à Casa do Povo de Santa Maria de Lamas no dia 5 de março de 1959 e concluído entre 1968 e 1977. Primitivamente designado pelo seu fundador, o industrial corticeiro Henrique Amorim (1902-1977), como a sua “Casa dourada”. Todo o espólio exposto e reservado neste complexo resulta de uma recolha individual e aquisição de bens artísticos, históricos, arqueológicos, etnográficos e científicos quase “compulsiva”. Que este homem realizou entre 1950 e o ano da sua morte, 1977. Reorganizado desde 2004 (...) este espaço exhibe perante o seu público variadas manifestações humanas (...)*” - cf. AMORIM, José Carlos de Castro, 2015: p. 38.

³ Henrique Alves Amorim (1902-1977), foi um dos onze filhos resultantes do matrimónio, ocorrido em 1886, entre António Alves de Amorim (1832-1922) - “empresário” rolheiro, conhecido no território feirense como o “Pai do Porto”, mas nascido em “Santiago de Lourosa” (designação oitocentista – séc. XIX - para a atual Cidade de Lourosa) - e Ana Pinto Alves (1867 - 1926), natural de Santa Maria de Lamas. Nascido entre Vila Nova de Gaia e Santa Maria de Lamas no dia 25 de maio de 1902, no decurso da sua vivência, o “Criador do Museu” transformou-se numa das personalidades chave da história local. Tornando-se o grande responsável pelo desenvolvimento estrutural, social e cultural de Santa Maria de Lamas. Mentor de um mundo pessoalizado, “ao seu gosto e imagem”, nos negócios, pela sua visão “vanguardista” e capacidade de risco, mudou o paradigma da Indústria corticeira em Portugal (sobretudo no concelho feirense). Salientando-se no seu percurso empresarial a importância que teve na recuperação laboral, financeira e afirmação da “Família Amorim” como uma potência da “Indústria corticeira” nacional e mundial; fundando em Santa Maria de Lamas, conjuntamente com alguns dos seus irmãos, a primeira fábrica rolheira de grande escala do “Grupo”: a *Amorim & Irmãos, Lda.*, constituída no dia 11 de março de 1922. Obtendo residência definitiva em Santa Maria de Lamas, terra natal de sua mãe entre 1908 / 1909, H.A. foi detentor de um perfil muito próprio, distinto de grande parte dos seus irmãos. Entristecido pela escassa formação académica que teve, após atingir a idade adulta e para debelar essa carência, este vulto começou a dedicar algum do seu tempo a leituras constantes e a viajar. Talvez motivado por essas leituras e viagens, Henrique Amorim desenvolveu um gosto bastante peculiar pelo colecionismo. Sobretudo um colecionismo pautado pela aquisição de múltiplos objetos de diferentes géneros e quadrantes do conhecimento, desde as Artes às Ciências. Inspirado nos espíritos humanistas quatrocentistas e quinhentistas (sécs. XV e XVI), originários dos “Gabinetes de Curiosidades” ou “Quartos das Maravilhas Europeus”.

Com um ritmo quase compulsivo, até à sua morte, este Homem colecionou em grande quantidade, qualidade e variedade (tipológica e temporal): *Arte Sacra* (sécs. XIII a XX); *Gravura e Litografia* (sécs. XVIII a XX); *Paramentaria; Alfaias litúrgicas; Ex-votos* (sécs. XVII a XX); *Tapeçaria e bordado* (sécs. XVIII a XX); *Medalhística* (sécs. XIX e XX); *Azulejaria* (séc. XX); *Cerâmica* (sécs. XIX e XX); *Objetos de uso quotidiano* (sécs. XIX e XX); *Relojoaria* (sécs. XIX a XX); *Papel-moeda e Numismática* (sécs. XIX e XX); *Pintura contemporânea* (sécs. XIX e XX); *Armário ibérica* (sécs. XIX e XX); *Lustres e Candelabros* (sécs. XVII a XX); *Insignias honoríficas* (sécs. XIX e XX); *Falerística* (sécs. XIX e XX); *Mobiliário* (sécs. XVIII a XX); *Artefactos Indo-portugueses e Chinoises* (ca. sécs. XVIII a XX); *Instrumentos musicais; Artes decorativas* (sécs. XIX e XX); *Etnografia portuguesa* (sécs. XIX e XX); *Estatuária contemporânea* (francesa: séc. XIX; portuguesa: sécs. XIX e XX); *Fragments ligados às Ciências naturais; Escultura em cortiça e derivados* (séc. XX),

e *Arqueologia industrial* (ou seja, maquinaria de transformação corticeira datável dos sécs. XIX e XX) - Para complementar a perceção biográfica acerca de Henrique Amorim, sobre o Industrial, o Filantropo e o Colecionador vd. SANTOS, Carlos Oliveira, 1997: pp. 33 a 93.; *História da Indústria em Portugal*. N.º XI, 1961, (s/p). & *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Ano IV, n.º 39, 1978: pp. 1 a 10.

⁴ Em 1870, António Alves de Amorim (1832-1922) fundou em Vila Nova de Gaia, junto ao Cais - na conhecida “Rua dos Marinheiros” - uma pequena unidade de transformação corticeira, nomeadamente de produção de rolhas de cortiça para barris de Vinho do Porto. Este núcleo rolheiro efetivou-se num período fértil em esperanças e iniciativas, e resultou de uma sociedade entre António Alves de Amorim e a “Família Belchior” (conhecido “clã gaiense/portuense”, bastante abastado, com múltiplas aplicações financeiras em negócios e fábricas; tendo como membro historicamente mais reconhecido Belchior Fernandes da Fonseca (?-1903); principal “sócio” de António Amorim na “Rua dos Marinheiros”, e famoso entusiasta de experiências aeronáuticas, tragicamente desaparecido no dia 21 de novembro de 1903, durante a subida do “Aeróstato Lusitano”). Segundo relato escrito do próprio Henrique Amorim, baseado em testemunhos familiares, “o seu pai não tinha o hábito de contabilizar e fazer a “escrita” do seu negócio e durante vinte anos limitou-se a entregar à família “Belchior” os “apuros” monetários do negócio”. Em virtude do crescendo da atividade e da constante ausência de demonstração de posições no negócio e lucros a seu favor, António Alves de Amorim interpelou os seus “sócios” acerca desses elementos. Perante tal solicitação, os “Belchior” indicaram-lhe que não existiriam lucros a seu favor. Afetado com essa ausência de compensação pelo trabalho de uma vida, e sentindo-se enganado pelos “Belchior”, António Amorim interpôs uma ação judicial - iniciada em 1890 e que se prolongaria até 1908. No seguimento da “demanda judicial” imposta, o pai de Henrique Amorim obteve dois veredictos favoráveis. Contudo, multiplicando-se os recursos, o processo chegou ao Supremo tribunal onde António Alves de Amorim, já com 76 anos, agastado pelo investimento e trabalho perdido, padecia de uma decisão final desfavorável. A “Família Belchior”, pelo poderio socioeconómico que possuía, influenciava os circuitos portuenses, inclusive os da Justiça. A par dessa influência, neste processo que retirou o núcleo rolheiro a António Amorim, o advogado dos Belchior era o jovem, mas conhecido membro destacado do “Directório Republicano” e deputado do Parlamento, Afonso Augusto da Costa (1871-1937) - vd. SANTOS, Carlos Oliveira, 1997: p. 33.

⁵ Porto (na *Fábrica da Corticeira*, “herdeira” de parte das instalações portuenses do *Carvalhinho*, quando da sua passagem da Invicta para Vila Nova de Gaia - vd. *Portvgalia*. Vol. XVI, 1995: p. 286.), e Vila Nova de Gaia, foram as cidades onde Henrique Amorim adquiriu a azulejaria integrada no exterior do “seu” Museu. Para além da *Fábrica do Carvalhinho*, existe pelo menos mais uma “*Cerâmica/Oficina gaiense*” representada na frontaria do MSML: A *Oficina de Arte Religiosa*, que se situava na Rua Conceição Fernandes, número 38.

⁶ Formulado numa visita presencial ao Museu de Santa Maria de Lamas.

⁷ Cf. MARTINS, Fausto Sanches, 1984: p. 448.

⁸ Cf. PEREIRA, Hugo, 2009: p. 12.

⁹ Cf. Idem, *Ibidem*.

¹⁰ Cf. *Portvgalia*. Vol. XVI, 1995: p. 248.

¹¹ Cf. VILA, Romero, 1980: p. 17.; LEÃO, Manuel, 1999: p. 233. & (Aa. Vv.), 2001: p. 71.

¹² Cf. PEREIRA, Hugo, 2009: p. 12.

¹³ Cf. VILA, Romero, 1980: p. 18.; VILA, Romero, 1987: p. 38.; LEÃO, Manuel, 1999: p. 233. & (Aa. Vv.), 2001: p. 72.

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

¹⁴ Cf. PEREIRA, Hugo, 2009: p. 13.

¹⁵ Cf. Idem, *Ibidem*.

¹⁶ Cf. Idem, *Ibidem*, pp. 14 e 15.

¹⁷ Cf. PEREIRA, Hugo, 2009: p. 15.

¹⁸ Cf. Idem, *Ibidem*.

¹⁹ Cf. Idem, *Ibidem*, pp. 17 a 19.

<http://ruinarte.blogspot.pt/2011/05/bairro-da-fontainhas-fabrica-e-capela.html> - 04/04/2016, 16 h 03 m.

<http://paginas.fe.up.pt/porto-ol/mlr/mlr.jpg> - 04/04/2016, 16 h 04 m.

<http://paginas.fe.up.pt/porto-ol/mlr/carvalhinho3.html> - 04/04/2016, 16 h 04 m.

Fontes e Bibliografia

(Aa. Vv.). (1995). “A Cerâmica portuense. Evolução empresarial e estruturas edificadas” In *Portugália*. Vol. XVI, 1995: pp. 203 a 287.

(Aa. Vv.). (2001). “Roteiro das Fábricas de Cerâmica Portuense” In *Museu Nacional Soares dos Reis – “Itinerário da Faiança de Porto e Gaia”*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 55 a 115.

AMORIM, José Carlos de Castro. (2015). *Crónicas de um Acervo: Ceia de Emaús. Coleção de pintura religiosa do Museu de Santa Maria de Lamas. Leitura Iconográfica e Análise plástica da Obra*. Santa Maria de Lamas: Museu de Santa Maria de Lamas, p. 38. (Disponível em rede: <http://issuu.com/museudesantamariadelamas/docs/ceiadeemaus5> - 04 / 04 / 2016, 16 h 01 m.).

História da Indústria em Portugal. N.º XI, 1961, (s/p).

LEÃO, Manuel. (1999). *A cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, p. 233.

MARTINS, Fausto Sanches. (1984). “Subsídios para a história da Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho” In *Revista Gaya*. Vol. II, pp. 447 - 468.

PEREIRA, Hugo. (2009). “A acção social, desportiva e cultural da Fábrica do Carvalhinho” In *Boletim Cultural da Associação dos Amigos de Gaia*. 11, 69, pp. 12 a 27.

SANTOS, Carlos Oliveira. (1997). *Amorim: História de uma família (1870-1997)*, 1.º vol. 1870-1953. Mozelos: Grupo Amorim, pp. 33 a 93.

União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Ano IV, n.º 39, 1978: pp. 1 a 10.

VILA, Romero. (1980). “A Fábrica Cerâmica do Carvalhinho (Sua história e seu fabrico)” In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. Vol. I, n.º 8, pp. 17-23.

VILA, Romero. (1987). “O Fabrico do Azulejo em Fábricas de Gaia” In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. Vol. III, n.º 22, pp. 35-39.

Recursos eletrónicos

<http://ruinarte.blogspot.pt/2011/05/bairro-da-fontainhas-fabrica-e-capela.html> - 04/04/2016, 16 h 02 m.

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Capítulo II

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

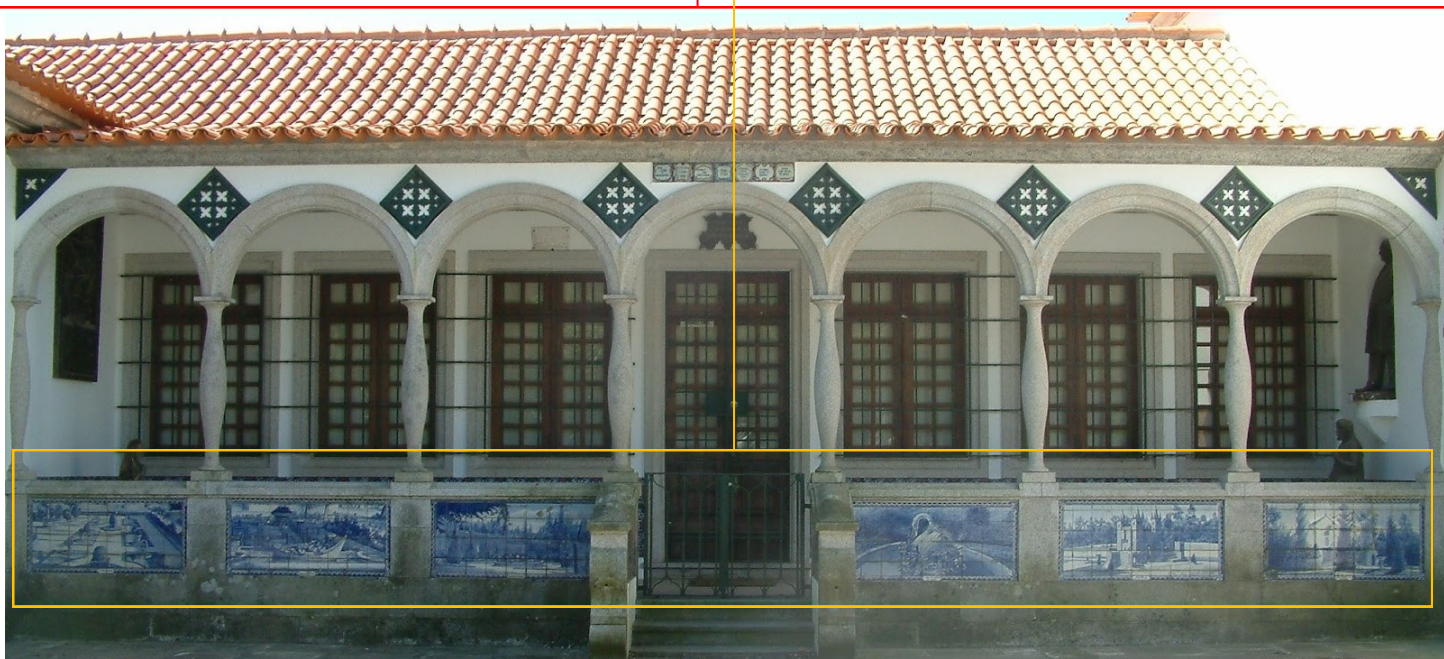
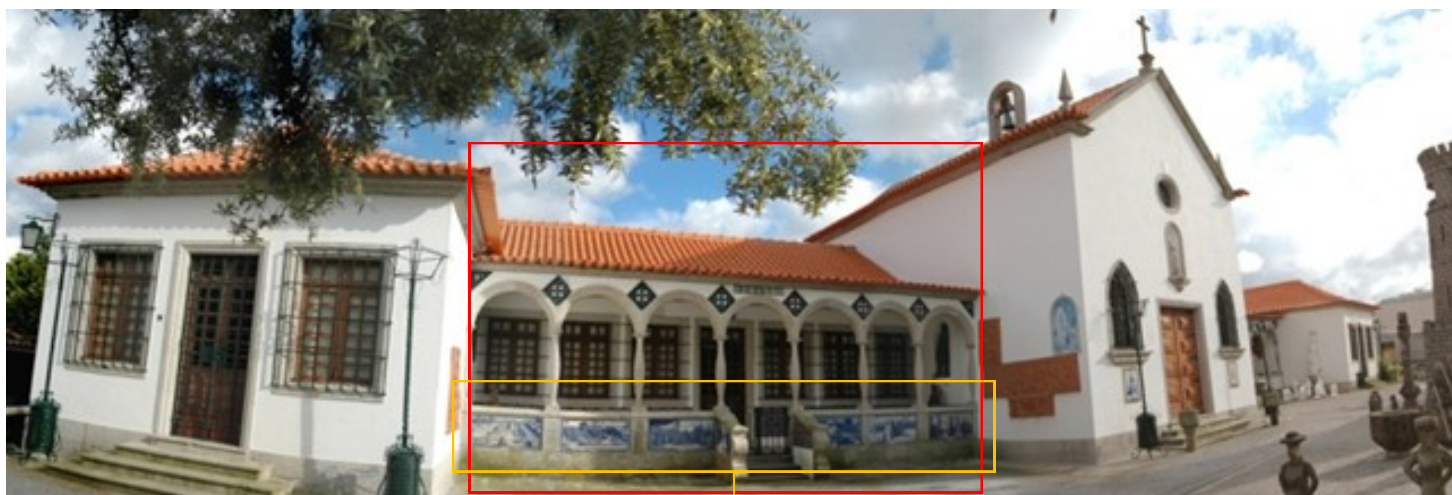
*Frontaria do Museu de Santa Maria de Lamas: Arcada
(Fragmentos da obra filantrópica de Henrique Alves Amorim)*

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Frontaria do Museu de Santa Maria de Lamas: Arcada (Fragmentos da obra filantrópica de Henrique Alves Amorim)



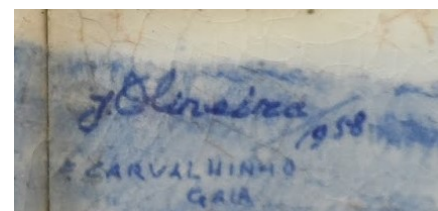
Frontaria do Museu de Santa Maria de Lamas: Arcada



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: *“Cabine Eléctrica”* – excerto da fachada do MSML, na sua possível composição primitiva

Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.

Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: *“Miniatura do Castelo da Feira”* - síntese gráfica de uma Replicação pétrea da fortaleza feirense, aplicada no “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas

Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: “Lago do Cisne no Parque” - recriação gráfica de um elemento escultórico que integrou o “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas

Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GA (...)” - (Gaia (?)).



Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GA (...)” - (Gaia (?)).



Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1957. F.CARVALHINHO.GAIA.”.

Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: “Avenida do Sina-leiro” - vista, em 1957, de um dos aces-sos/percursos pedestres do “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de La-mas

Painel azulejar exterior de 1957 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1957. F.CARVALHINHO.GAIA.”.

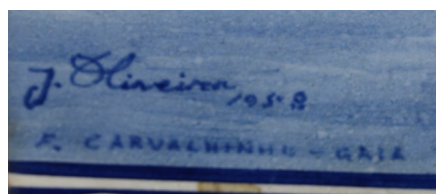




Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: “*Balneário da Piscina*” - pormenor de via de acesso/percurso pedestre do “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas, pontuada/o pela presença de uma estrutura arquitetónica que, em 1958, servia de balneário público

Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.

Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria, unidade fabril, localização e cronologia de produção do Painel azulejar: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: “*Lago do Parque*” - “panorâmica”, em 1958, de um dos Lagos, o de maiores dimensões, do “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas

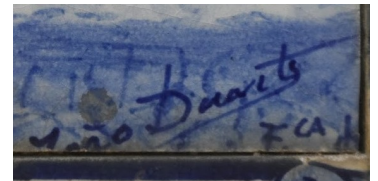
Painel azulejar exterior de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.OLIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977), em prol de St.^a M.^a de Lamas: “Lago do Arraial” - síntese gráfica de um pequeno lago, ladeado por estruturas pétreas, que integrou a partir de 1957 / 1958 o “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas

Painel azulejar exterior de ca. 1957 / 1958 (?) (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “João Duarte” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado e localizado: “JOÃO DUARTE. F^{CA}. DO (...)” - (F^{ca}. do Carvalhinho. V. N. de Gaia (?)).

Pormenor gráfico comprovativo da autoria e unidade fabril de produção do Painel azulejar: “JOÃO DUARTE - F^{CA}. DO (...)” - (F^{ca}. do Carvalhinho. V. N. de Gaia (?)).



Pormenor gráfico comprovativo da autoria do Painel azulejar: “JOÃO D (...)” - (Duarte. F^{ca}. do Carvalhinho. V. N. de Gaia (?)).



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim (1902 - 1977) em prol de St.^a M.^a de Lamas: “Jardim do Parque” - panorâmica, em ca. 1957 / 1958, de parte do Jardim do “Parque Velho”, o atual Parque de St.^a M.^a de Lamas

Painel azulejar exterior de ca. 1957 / 1958 (?) (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “João Duarte” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado: “JOÃO D (...)” - (Duarte. F^{ca}. do Carvalhinho. V. N. de Gaia (?)).

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Capítulo III

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

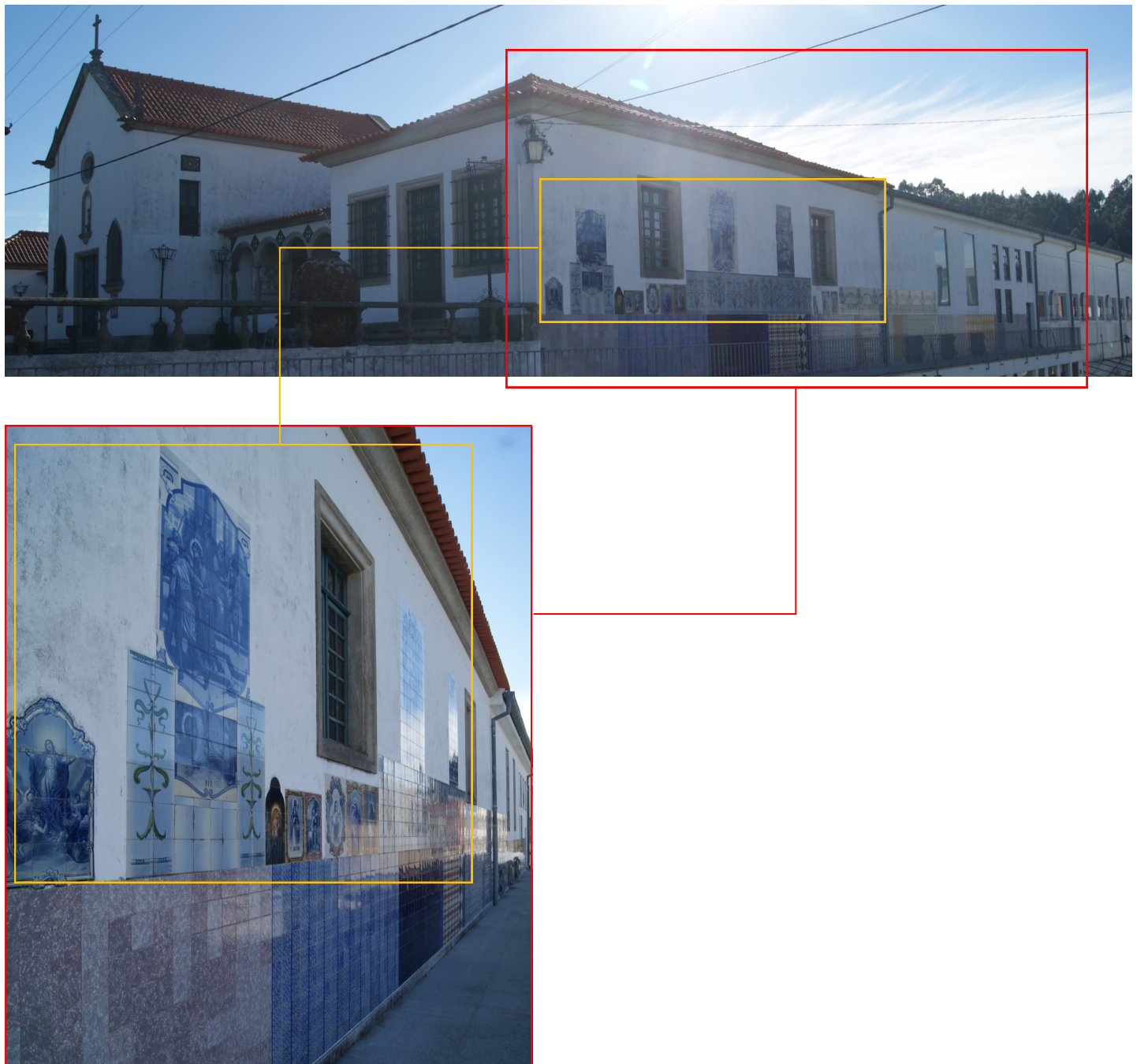
Alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas: Passadiço exterior (Iconografia Religiosa)

O Museu de Santa Maria de Lamas “visto por fora”

Os painéis de azulejaria contemporânea produzida na antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), incrustados na frontaria e alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas

Roteiro fotográfico de parte da azulejaria encomendada por Henrique Amorim (1902-1977), à extinta *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* - Levantamento, identificação iconográfica e legendagem

Alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas: Passadiço exterior (Iconografia Religiosa)



Alçado lateral do Museu de Santa Maria de Lamas: Passadiço exterior



Temática religiosa: Iconografia Mariana - “Assunção da Virgem” (Ascensão de Maria ao céu, acompanhada/elevada por elementos da “Hierarquia celeste”)

Painel azulejar exterior de 1968 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), cópia da autoria de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J. OLIVEIRA. 1968. (CÓPIA). F. CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria e cronologia do Painel azulejar: “J. OLIVEIRA. 1968. (CÓPIA).”.



Pormenor gráfico comprovativo da localização e unidade fabril de produção do Painel azulejar: “F. CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria e cronologia do Painel azulejar: “CÓPIA - J. OLIVEIRA. 1964.”.



Pormenor gráfico comprovativo da localização e unidade fabril de produção do Painel azulejar: “F. CARVALHINHO. GAIA.”.

Temática religiosa: Iconografia Mariana - “Virgem orante” (Maria em ato de oração, tributo e/ou adoração)

Painel azulejar exterior de 1964 (azulejaria policroma - com várias cores), cópia da autoria de “José Oliveira” – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “CÓPIA - J. OLIVEIRA. 1964. F. CARVALHINHO. GAIA.”.





Pormenor gráfico comprovativo da autoria do Painei azulejar: “F.G.” - (Monograma para “Francisco Gonçalves” (?)).



Pormenor gráfico comprovativo da localização e unidade fabril de produção do Painei azulejar: “F. DO CARVALHINHO. GAIA.”.

Temática religiosa: Iconografia masculina - “João Baptista em criança” (João Baptista como “Menino pastor”, com paisagem de fundo, indumentária em pele de animal e Cruz latina com filactério, ladeado por cordeiro)

Painei azulejar exterior sem data (azulejaria dicromática de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, com narrativa central em tonalidades azuláceas, envolta por “moldura” figurativa de pórtico em tonalidades sanguínea/ocre), original da autoria de “F.G.” (“Francisco Gonçalves” (?)) – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painei assinado com monograma e localizado: “F.G. F. DO CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria do Painei azulejar: “D.M.” - (Monograma para “Duarte Mene- ses” (?)).

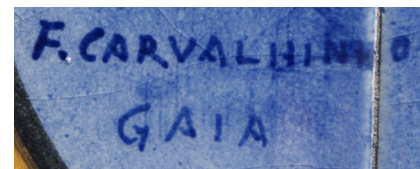


Pormenor gráfico comprovativo da localização e unidade fabril de produção do Painei azulejar: “F.^{CA} DO CARVALHINHO. PORTUGAL.”.

Temática religiosa: Iconografia feminina - “Santa Teresa de Lisieux” / “Santa Teresinha do Menino Jesus” (1873 - 1897)

Painei azulejar exterior sem data (azulejaria polícroma de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, com narrativa central em tonalidades azuláceas, envolta por “moldura” com pormenores de arquitetura fingida, enrolamentos e motivos vegetalistas em tonalidades de azul, amarelo, laranja, verde, castanho, grená e sanguínea/ocre), original da autoria de “D.M.” (“Duarte Mene- ses” (?)) – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painei assinado com monograma e localizado: “D.M. F.^{CA} DO CARVALHINHO. PORTUGAL.”.

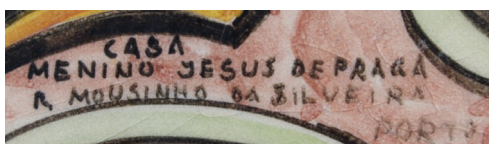




Pormenor gráfico comprovativo da localização e unidade fabril de produção do Painei azulejar: “F. CARVALHINHO. GAIA.”.

Temática religiosa: Iconografia Masculina - “Santo António de Lisboa com o Menino” (“Menino Jesus”)

Painei azulejar exterior, sem data (azulejaria polícroma de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, com narrativa central em tonalidades azuláceas, envolta por “moldura” com pormenores de enrolamentos, combinação de “estruturas côncavas e convexas” e motivos vegetalistas em tonalidades de verde, amarelo, laranja, violeta e grená), original da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), ausente de assinatura do seu Pintor. Painei acompanhado por referência ao possível “Mecenas” da obra e localização: “CASA MENINO JESUS DE PRAGA. R. MOUSINHO DA SILVEIRA. PORTO. F. CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico referente ao possível “Mecenas” (Encomendante e/ou Destinatário), de produção do Painei azulejar: “CASA MENINO JESUS DE PRAGA. R. MOUSINHO DA SILVEIRA. PORTO”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria do Painei azulejar: “M.” - (Monograma de um Pintor da Antiga Fábrica do Carvalhinho (1841 - 1977), com nome ou apelido iniciado pela letra “M.”).



Pormenor gráfico comprovativo da unidade fabril de produção do Painei azulejar: “F.^{CA} DO CARVALHINHO.”.

Temática religiosa: Iconografia masculina - “São José acompanhado pelo Menino (“Menino Jesus”), na posse de lírio florido”

Painei azulejar exterior sem data (azulejaria polícroma de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, com narrativa central em tonalidades azuláceas, envolta por “moldura” retangular preenchida por motivos fitomórficos em tonalidades de verde escuro, amarelo, cor de rosa, dourado e púrpura/grená), original da autoria de um Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977), cujo nome próprio ou o apelido teriam o “M.” como primeira letra. Painei assinado com monograma e localizado: “M. F.^{CA} DO CARVALHINHO.”.





Temática religiosa: Iconografia masculina - “São José com Jesus em Criança, próximos de um lírio florido e envoltos num fundo compositivo de cariz florestal”

Painel azulejar exterior de 1951 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original da autoria de “F.G.” (“Francisco Gonçalves” (?)) – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel titulado, assinado com monograma, localizado e datado: “S.JOSÉ. F.G. 951. F. DO CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo do título e iconografia da obra, autoria (monograma de “Francisco Gonçalves” (?)), cronologia, unidade fabril e localidade de produção do Painel azulejar: “S. JOSÉ. F.G. 951. F. DO CARVALHINHO. GAIA.”.



Pormenor gráfico comprovativo da unidade fabril de produção e autoria do Painel azulejar (monograma de “Duarte Meneses” (?)): “F.ª DO CARVALHINHO. “D.M.”.

Temática religiosa: Iconografia masculina - “Batismo de Jesus no Rio Jordão, por João Baptista”

Painel azulejar exterior sem data (azulejaria monocromática de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, em tonalidades azuláceas), original da autoria de “D.M.” (“Duarte Meneses” (?)) – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado com monograma e localizado: “F.ª DO CARVALHINHO. D.M.”.



Pormenor gráfico comprovativo da autoria (monograma de “Duarte Meneses” (?)), e unidade fabril de produção do Painel azulejar: “D. M. F.ª DO CARVALHINHO.”.

Temática religiosa: Iconografia masculina - “São José, na posse de um lírio florido, acolhe o “Menino Jesus”, que se encontra de pé, numa “banca de carpintaria”

Painel azulejar exterior, sem data (azulejaria policroma de ca. décadas de 50/60 do séc. XX, com narrativa central em tonalidades azuláceas, envolta por “moldura” com enrolamentos, motivos fitomórficos e “combinação de estruturas côncavas e convexas” em tonalidades de azul claro, verde, castanho, amarelo, cor de rosa escuro, grená e violeta), original da autoria de “D.M.” (“Duarte Meneses” (?)) – Pintor da antiga *Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho* de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado com monograma e localizado: “D.M. F.ª DO CARVALHINHO.”.





*Crónicas de
um Acervo*
Museu de Santa Maria de Lamas

Largo da Igreja, 90
Parque de Santa Maria de Lamas, Apartado 22
4535-412 Santa Maria de Lamas
Telefone: 22 744 74 68 | Fax: 22 745 49 93
Telemóvel: 91 664 76 85
geral@museudelamas.pt
<http://museudelamas.blogspot.com>
www.facebook.com/museudelamas
www.museudelamas.pt